



## O Uso da Fotografia Criminal na Produção de Informação: estudo do caso Yoki<sup>1</sup>

Felipe Rigon DORNELES<sup>2</sup>  
Gabriel GARCIA<sup>3</sup>  
Priscila Görgen HELDT<sup>4</sup>  
Sabrina Rosiele BERTOLLO<sup>5</sup>

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

### RESUMO

A história da fotografia prevê classificações no que refere-se ao princípio da realidade: espelho do real, transformação do real e traço do real. A partir desta abordagem, o estudo tem como objetivo resgatar brevemente a história da fotografia e as classificações do princípio da realidade. Para isto, tem como plano de fundo o caso Yoki, onde fotos criminais vazaram para a imprensa, e foram usadas como informação. A abordagem ética também é analisada. É possível afirmar que, por meio da fotografia, é possível questionar os padrões e perturbar a prática comum de constituição de imagens fotográficas, desconstruindo o conceito do processo da fotografia tradicional e, ao mesmo tempo, evidenciando as dimensões socioculturais da tecnologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caso Yoki; Credibilidade; Ética; Fotografia Criminal; jornalismo.

### INTRODUÇÃO

O receio com relação à fotografia e à tecnologia se difunde entre os leigos. As formas, pelas quais, são feitas as concepções sobre o que é fotografia e tecnologia acabam sendo equivocadas, dependendo do modo com que são expostas as pessoas. Mas, apesar de estar associada a uma brincadeira de criança, ou apenas a um método para aprender os princípios básicos da fotografia, o que se vê em uma foto, vai além do teórico. Percebe-se nela, um meio de aproximação da foto e a realidade, ou ainda, um novo método de pensar sobre a realidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, da Unijuí, email: [felipe.dorneles@unijui.edu.br](mailto:felipe.dorneles@unijui.edu.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Unijuí, email: [gabriel.garcia@unijui.edu.br](mailto:gabriel.garcia@unijui.edu.br)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Unijuí, email: [priscila.heldt@hotmail.com](mailto:priscila.heldt@hotmail.com)

<sup>5</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Unijuí, email: [sabrinariosiele@hotmail.com](mailto:sabrinariosiele@hotmail.com)



As imagens fotografadas são espalhadas entre as redes, livros, computadores e lugares. Não há limites. Contudo, uma simples “postagem” pode gerar uma discussão, com linhas através da teoria, fazendo com que determinadas situações se enquadrem ou se limitem a certos conceitos. No que acreditar se a visão do repórter fotográfico é, na maioria dos casos, única?

Dentro desses olhares nos conceitos científicos que servem de pano de fundo da construção das máquinas semióticas, se estabelecem outros questionamentos que buscam deslocar a fotografia mais claramente para a categoria dos signos simbólicos. Mais do que somente um reflexo das coisas, um vestígio da realidade, ou a desconstrução do real por meio de construção da imagem fotográfica. Além da questão ideológica da adoção do modelo perspectivo como forma simbólica, a fotografia expressa conceitos gerais e abstratos que transformam as imagens. Mais do que um simples traço do real, como uma impressão digital ou uma pegada, o traço registrado pelas lentes de uma câmera depende de um grande número de processos físico-químicos. As mediações técnicas que se estabelecem entre o objeto e o registro de seu traço se alternam em combinações que impedem que o registro da imagem seja simplesmente uma impressão inicial direta do objeto fotografado.

Buscando e identificando o modo pelo qual a fotografia passa a ser interpretada como um “algo além da realidade”. A simplicidade da técnica e as possibilidades de construção que a câmera aproxima a foto do processo de exposição da realidade e realização da imagem, transformando as relações de tempo e de espaço representados, e questionando os conceitos da fotografia tradicional.

A partir deste cenário, este estudo tem como objetivo descrever um breve relato histórico da fotografia. A partir disto, traz as idéias de Dubois (1986), que descreve o ato fotográfico a partir de três classificações históricas: a fotografia como espelho do real, como transformação do real, e como traço do real. A partir desta categorização, o estudo analisa o caso Yoki – quando o empresário Marcos Matsunaga foi esartejado por sua esposa, Elize Matsunaga. As fotos do corpo do empresário, registradas pela perícia, vazaram e foram usadas pela imprensa como informação. O estudo questiona ainda as implicações éticas do caso.

## **O surgimento da imagem como fotografia**



Muito se questiona o fato de como surgiu a fotografia. Nos dias de hoje, parece impossível que ela tenha surgido da forma como surgiu. O fato é que a fotografia não tem um único inventor. Ela é uma síntese de várias observações e inventos em momentos distintos. A primeira descoberta importante para a fotografia foi a "câmara obscura".

O conhecimento de seus princípios óticos se atribui a Aristóteles, anos antes de Cristo, e seu uso para observação de eclipses e ajuda ao desenho, a Giovanni Baptista Della Porta. No século XIV já se aconselhava o uso da câmara escura como auxílio ao desenho e à pintura. Leonardo da Vinci fez uma descrição da câmara escura em seu livro de notas, mas não foi publicado até 1797. Este problema foi resolvido em 1550 pelo físico milanês Girolamo Cardano, que sugeriu o uso de uma lente biconvexa junto ao orifício, permitindo desse modo aumentá-lo, para se obter uma imagem clara sem perder a nitidez.

E foi assim que o uso da câmara escura se difundiu entre os artistas e intelectuais da época, que logo perceberam a impossibilidade de se obter nitidamente a imagem, quando os objetos captados pelo visor estivessem a diferentes distâncias da lente.

Outros dois nomes devem ser lembrados na história daquilo que se entende hoje por fotografia. Foi uma invenção de Josej Petzval, matemático húngaro, que libertou os primeiros fotógrafos dos absurdos tempos de exposição, que chegavam a 30 minutos nos primórdios: uma lente dupla, formada por componentes distintos, com abertura f 3.6, trinta vezes mais rápida do que as tradicionais lentes Chevalier, adotadas até então.

Mesmo assim, o invento não resolvia o problema final para a total popularização da fotografia: a reprodução, pois todos os processos produziam um só positivo. Foi o inglês Fox Talbot que resolveu a 'pendenga', ao criar o sistema para reprodução infundável de uma imagem fotográfica a partir da chapa exposta, o negativo. Isto ocorreu na década de 40 do Século XIX. De lá para cá, todas as demais invenções foram aperfeiçoamentos de um mesmo sistema.

A caixa preta fotográfica não é um agente reproduzidor neutro, mas uma máquina de efeitos deliberados. Ao mesmo modo que a língua, é um problema de convenção e instrumento de análise e interpretação do real (DUBOIS, 1994, p.40).



Porém, a primeira pessoa no mundo a tirar uma verdadeira fotografia foi Joseph Nicéphore Niepce, em 1826. Ele conseguiu reproduzir, após dez anos de experiências, a vista descortinada da janela do sótão de sua casa, em Chalons-sur-Saône. Por volta de 1822, Niepce já trabalhava com um verniz de asfalto aplicado sobre vidro, com uma mistura de óleos destinada a fixar a imagem. Com esses materiais, obteve a fotografia das construções vistas da janela de sua sala de trabalho - após uma exposição de oito horas. Porém, aquele sistema heliográfico era inadequado para a fotografia comum, e a descoberta decisiva foi feita por Louis Daguerre.

Ela ocorreu em 1835, quando Daguerre apanhou uma chapa revestida com prata e sensibilizada com iodeto de prata, e que apesar de exposta não apresentou sequer vestígios de uma imagem, e guardou-a, displicentemente, em um armário. Ao abri-lo, no dia seguinte, porém, encontrou sobre ela uma imagem revelada. Criou-se uma lenda em torno da origem do misterioso agente revelador - o vapor de mercúrio -, sendo atribuído a um termômetro quebrado. Entretanto, é mais provável que Daguerre tenha despendido algum tempo na busca daquele elemento vital, recorrendo a um sistema de eliminação.

Em 1837, ele já havia padronizado esse processo, no qual usava chapas de cobre sensibilizadas com prata e tratadas com vapores de iodo e revelava a imagem latente, expondo-a à ação do mercúrio aquecido. Para tornar a imagem inalterável, bastava simplesmente submergi-la em uma solução de aquecida de sal de cozinha.

O que pode se afirmar, é que diversas descobertas ao longo do tempo foram somadas para que fosse possível desenvolver a fotografia como é conhecida hoje. Químicos e físicos foram os pioneiros nesta arte, já que os processos da revelação e da fixação da fotografia são essencialmente físico-químicos, numa associação de condições ambientais e de iluminação a produtos químicos. Com o passar do tempo a essência da forma de fazer fotografia não mudou, no entanto, os avanços tecnológicos permitem cada vez mais melhorar a qualidade da fotografia, aumentar a resolução e a realidade das cores.

Hoje, com o advento da fotografia digital, muitos paradigmas fotográficos foram alterados. Com aparelhos cada vez menores, mais simples de manipular e que produzem fotografias em alta qualidade, a internet facilitando o fluxo das imagens, a fotografia tornou-se algo muito mais simples e popular do que era.



O conceito da fotografia como uma reprodução mecânica fiel à realidade começa a ser questionado ainda no século XIX. Na busca de um ideal artístico para a fotografia, surgiram discussões acerca de suas possibilidades como construtora da realidade.

Ao invés da reprodução automática do real graças a sua formação, a fotografia passa a ser vista como resultado da interpretação do sujeito-fotógrafo, que atua como intermediário entre a realidade e a representação. Essas discussões culminaram com o movimento pictorialista que, apesar de ser considerado, na maioria das vezes, um movimento conservador, que pretendia da fotografia uma imitação da pintura, foi responsável por importantes reflexões sobre o estatuto da imagem fotográfica como simplesmente uma técnica precisa de registro da realidade.

### **O princípio da realidade na fotografia**

No início do estudo e aprofundamento da ideia, percebe-se que a fotografia se aproxima da questão do realismo e do valor documental da imagem fotográfica a partir da questão da referência, da condição inicial da imagem fotografada. A relação que ela estabelece com o referente é da ordem do índice, regida por uma conexão física que, indiscutivelmente, se estabelece na pequena fração de tempo que a luz impressiona a superfície sensível, sem a interferência humana.

Dubois (1986) apresenta três princípios da realidade da fotografia: espelho do real - efeito de realidade ligado à imagem fotográfica foi a princípio atribuído à semelhança existente entre a foto e seu referente; transformação do real - pura “impressão”, um simples “efeito”. Com esforço tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação, e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, culturalmente codificada; transformação do real - algo de singular, que a diferencia de outros modos de representação, subsiste apesar de tudo na imagem fotográfica.

Assim, a foto é relacionada com três categorias básicas: um “índice”, inseparável do ato que a funda, uma representação física com seu referente; o “ícone”, se assemelhando ao real, como um espelho. Ou ainda, como “símbolo”, uma interpretação e transformação cultural e ideológica do real. A partir de determinadas análises, a imagem fotográfica se identifica com cada categoria por sua característica elementar de traço e conexão física, através da luz emitida pelo objeto com sua superfície. “A



condição referencial da representação fotográfica é um valor fundamental para que ela possa ser tomada como documento.” (VILLAR, 2007, p. 72).

Portanto, cabem-se as discussões iniciais quanto à observação, que tornam a fotografia como uma realidade própria, uma “segunda realidade”, construída, codificada e sedutora em sua montagem e em sua estética, mas prescindível para desvendar o passado.

### **O Caso Yoki**

O empresário Marcos Kitano Matsunaga, de 42 anos, foi vítima de um crime que chamou a atenção de todo o Brasil. O diretor executivo da Yoki, indústria de alimentos, foi morto e esquartejado pela própria mulher, a bacharel em direito Elize Kitano Matsunaga. O crime ocorreu em 19 de maio de 2012.

Ao confessar o assassinato, Elize contou à polícia ter esquartejado a vítima no quarto de hóspedes da cobertura onde o casal morava na capital paulista. O casal se conheceu, quando ela trabalhava como garota de programa. O motivo que levou a tal atitude, de imediato era único: ciúmes, pois ela teria descoberto que o marido a estava traindo com outra prostituta.

Quando Elize Matsunaga foi presa, ainda como suspeita, a promotora que acompanhava o caso na época, manifestou-se favorável à decretação da prisão temporária por 30 dias. A Justiça inicialmente decretou a prisão por cinco dias. Quando ela confessou ter assassinado e esquartejado o marido, a justiça estendeu o prazo de prisão por mais de 15 dias.

Entre os dias que transcorreram as investigações da polícia e a falta de informação por parte da imprensa, pouca coisa se sabia. Os responsáveis por cuidar do caso divulgavam apenas o necessário, para que nenhuma informação “a mais” chegasse ao público. O sigilo foi marca constante das investigações. A imprensa por outro lado, buscava novos fatos.

Com a divulgação do inquérito policial por parte da polícia civil, ocorre um novo capítulo no caso Yoki, e este que ficará marcado para sempre. No dia 30 de agosto de 2012 o vazamento de informações através de fotos do laudo virou notícia na internet. Sites sensacionalistas de todo o país divulgaram as fotos da vítima, esquartejada.

Últimas páginas acrescentadas ao inquérito policial sobre o assassinato de Marcos Matsunaga, o laudo do Instituto Médico Legal (IML) sugere que o executivo



estava vivo quando teve a cabeça cortada. Entre as descrições, o documento aponta que o executivo foi surpreendido com o tiro que atingiu sua cabeça (à queima roupa). Quase um ano depois da morte de Matsunaga, o tema voltou à imprensa. O corpo foi exumado em 12/03/2012, em São Paulo. Uma nova perícia deve ocorrer nove meses após o sepultamento da vítima.

Elize está sob custódia no presídio feminino de Itapevi desde 4 de junho de 2012. Ela deverá responder por homicídio duplamente qualificado (motivo torpe e meio cruel) e ocultação de cadáver. Com o inquérito, a polícia enviou também à Justiça o pedido de prisão preventiva. Caso seja aceito pelo juiz Theo Assuar Gragnano, da Vara Criminal de Cotia, Elize pode ficar presa até o julgamento. A defesa de Elize aguarda a decisão para decidir se pede ou não a revogação. A filha do casal, de 1 ano, está sob a guarda dos avós paternos. Desde que foi presa, a ré não pôde ver a criança.

O inquérito policial será recebido pela promotora Camila Teixeira Pinho, da 4ª Promotoria de Justiça de Cotia, que poderá optar por oferecer denúncia ou solicitar novas diligências. O arquivamento do caso, que também seria uma opção, está descartado.

### **A realidade nas fotografias do caso Yoki**

Com base em dados históricos buscados nesta pesquisa podemos perceber que a fotografia tomou o espaço da pintura em razão de esta representar o olhar verdade que se tem sobre o mundo. Partindo deste pressuposto analisamos a divulgação na mídia do Caso Yoki, no qual as fotos, presentes no laudo policial do empresário assassinado e esquartejado, vazaram na imprensa.

A fotografia surgiu como produtor de informação no século XIX, após libertar a pintura. Ela representa a função documental, a referência e o concreto de conteúdo; enquanto a pintura busca a arte do imaginário e dá espaço para a visão individual do artista.

Quando você vê tudo o que é possível exprimir através da fotografia, descobre tudo o que não pode ficar por mais tempo no horizonte da representação pictural. Porque o artista continuaria fazendo pinturas se ele poderia obter a perfeição através da lente de uma objetiva? (DUBOIS, 1986).



A transição de uma para a outra se tratou, portanto, de tornar cada vez mais real a visão que temos do mundo. Esta mudança causou uma reviravolta na constituição da imagem, ela passou a ter credibilidade.

O caso que analisamos anteriormente tem como data base para nosso estudo 30 de agosto de 2012, dia em que as fotos de partes do corpo do empresário Marcos Matsunaga vazaram na internet. Imagens da cabeça, do tronco e dos membros do empresário puderam e ainda podem ser encontradas em sites de busca.

As fotografias fazem parte do inquérito que investigou o crime cometido pela esposa do empresário. A Corregedoria da Polícia Civil solicitou o expediente das imagens à Superintendência da Polícia Técnico-Científica. Assim que o expediente foi analisado foi constatada a autenticidade das imagens.

A advogada da ré se pronunciou categoricamente sobre o vazamento das imagens: “Meu Deus! Isso jamais deveria circular na internet. Essas fotos são do processo. São fotos antes da realização da perícia, logo após o corpo dele ter sido achado. Eu não posso tomar nenhuma providência em relação a essa divulgação porque isso compete à família da vítima. Soube que em virtude do risco de vazamento dessas fotos os advogados da família de Marcos pediram o sigilo dos autos, mas o Ministério Público informou que processo era público e não concordou. A Justiça, por sua vez, também. Eu lamento a divulgação dessas fotos na internet. E é por esse motivo e outros que também era favorável ao sigilo dos autos”.

Um inquérito foi instaurado para apurar se o eventual vazamento das fotos ocorreu no âmbito da Polícia Civil, Técnico-Científica ou em algum outro órgão público. Desde o advento da fotografia digital, esta passou a exigir mais cuidado com a forma de armazenamento e organização das fotografias. Além disso, a internet permite que qualquer fotógrafo mostre suas fotografias para um número considerável de pessoas. Por isso o profissionalismo e a ética se tornam muito importantes neste contexto.

Ser ético significa respeitar à todos os envolvidos e ter muito cuidado com o que você se faz para obter a imagem. Também deve ser levado em consideração o uso da foto e o que ela pode vir representar para a sociedade.

O jornalismo, a princípio, surgiu como uma ferramenta de divulgação de informação à sociedade, por isso os profissionais da área são considerados formadores de opinião. Com isso, devem, acima de tudo, primar pela informação correta, bem apurada e de interesse geral, para que não seja ferida a ética no trabalho. Baseado nisso,



o interesse próprio de pessoas ligadas ao jornalismo não pode, em hipótese alguma, interferir no funcionamento do trabalho de um jornalista.

No jornalismo investigativo, no qual o contato com pessoas é mais fortemente percebido, o cuidado com o que é dito deve ser redobrado. Sempre se deve pensar na veracidade da informação, atrelada a imagem das pessoas envolvidas, visando não ferir o código de ética da profissão.

“No jornalismo, a ética é mais que rótulo, que acessório. No exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho. Repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seus compromentimentos e valores”. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.11).

Por pior que seja, nessa vertente do jornalismo, é muito comum ver programas sensacionalistas, onde os mais variados absurdos acontecem sem nenhum senso de ética. Tão comum quanto, é a aparição de fotos desumanas em sites e portais de notícias. Repórteres estão sempre na disputa das fotos mais sangrentas de episódios tristes da sociedade e nenhum critério ético é usado no momento da postagem.

O vazamento de imagens do caso Matsunaga é um exemplo claro de um profissional sem ética que comprometeu a imagem de alguém e, acima de tudo, chocou a sociedade.

Mediante essa intensa participação dos meios de comunicação social em nossas vidas, deveríamos nos questionar onde estão os limites morais das coberturas midiáticas atuais. Onde está a conduta ética na produção, exposição e linguagem dos trabalhos jornalísticos? Estes são alguns questionamentos feitos pelo autor ao longo dos seis capítulos de sua obra. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.19).

O jornalismo investigativo é necessário à sociedade, pois além de informar os crimes acontecidos de forma séria e profissional, vai além e investiga por si só quando o próprio poder público desiste e deixa de lado certas ocorrências por um motivo ou outro. Esse jornalismo sério é o que todos querem ver.

### **Considerações finais**

Na medida em que aceita o padrão imposto ao método fotográfico, o artista tem condições de utilizar a fotografia como forma de expressão alternativa e ferramenta de



criação. O modo com que é exibida e aceitação do receptor. A fotografia quebrou as barreiras, quando, depois de firmados os conceitos de transformação do real já não eram suficientes para descrever o fato com tanta nitidez, com que eram aprovadas as fotos no início dos estudos.

Quebrar as barreiras e questionar a perfeição da imagem. Os mandamentos da ética deixam claro o respeito aos envolvidos e o cuidado com o modo de exibição. Até que ponto vale a exposição extrema do fato? Volta-se ao ponto em que, nem a agência de notícias que publicou primeiramente as fotos de Matsunaga nem os demais sites foram punidos pelo “furo de reportagem”.

Portanto, devemos buscar soluções para resolvermos as questões éticas que envolvem a fotografia, e não só a digital. Se todos nós ficamos maravilhados com a frase de Lewis Hine quando afirma que “Embora as fotografias não possam mentir, os mentirosos podem fotografar”, não podemos esquecer-nos do pensamento do fotógrafo catalão Joan Fontcuberta, que nos lembra: “a fotografia mente sempre, importa saber o que podemos fazer com esta mentira”.

Acredita-se que existem poucos mentirosos por trás do visor das câmeras fotográficas, nos computadores, alterando as imagens ou mesmo nas redações, fazendo as edições, sem prejudicar a linha editorial do jornal. A defesa da necessidade ética exige que se considere uma atividade fundamental para a representação da informação como meio único e exclusivo.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, Cláudia Maria Teixeira de. **A ética no fotojornalismo da era digital**. Paraná, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. Campinas: Papirus, 1986.

FONTCUBERTA, Joan. **El Beso de Judas Fotografia y verdad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A, 1998.

OLIVEIRA, Erivam Morais de. **O resgate da ética no fotojornalismo: a banalização das imagens nos meios de comunicação**. Minas Gerais, 2010.



PEREIRA, Laisa Beatris Silva. **Os novos rumos do fotojornalismo na era digital.** São Paulo, 2009.

VILLAR, Maria Helena. **A fotografia estenopeica revisitada: desconstrução da homologia tradicional através das dimensões sócio-culturais da tecnologia.** Curitiba, 2008.